

GUERRAS

Na segunda metade do século XVIII, quando estavam em formação as vilas que posteriormente tornaram-se cidades no continente rio-grandense, a maior glória dos gaúchos, então homens rudes e pouco letrados, era participar de uma guerra. É o que constato ao reler, com indizível prazer, a magnífica obra O Tempo e o Vento, do saudoso Érico Veríssimo.

Essa compulsão pela guerra, qualquer que seja ela, ainda existe no ser humano. Muitos jovens, um brasileiro inclusive, alistaram-se para guerrear na Ucrânia, indignados pelo fato do país ter sido atacado militarmente. E, pergunto a mim mesmo, o presidente russo acaso não tinha outros meios de alcançar o que pretendia, senão desencadeando uma guerra, causadora de tantas mortes e destruição? O mesmo se pode dizer das autoridades israelenses que, em compreensível revide à terrível, injustificada e desumana agressão sofrida pelo país, não se importaram em que o preço desse revide fosse a morte de tantos inocentes. Não sei, devo confessar, se haveria outra maneira de punir aqueles impiedosos terroristas do Hamas, possuídos todos, quais feras irracionais, de profundo ódio aos judeus. Mas acima de tudo, o que se coloca é o valor da vida humana. A reflexão que agora faço é se teria ela, a vida humana, menor valor que pudesse justificar fossem ceifadas impiedosamente? Ou se esse hipotético menor valor seria suficiente para justificar o crescimento da indústria de armas, que lucra enormemente com as guerras?

Mas os jovens que hoje se inscrevem para lutar nas guerras não pensam, de forma alguma, que seja glorioso morrer combatendo, qual fosse esse um inequívoco sinal de virilidade, como pensavam os gaúchos. Querem, isto sim, sair completamente ilesos. Contudo, é sabido que quando não

voltam para casa com um aleijão físico, quase sempre fica-lhes um aleijão psicológico.

Eu próprio assisti, consternado, quando um culto conterrâneo meu, ex-pracinha da Força Expedicionária Brasileira que lutou na Itália, interrompeu, assustado, uma conferência que fazia, no momento em que ouviu os estampidos de uma festa junina que se realizava nas proximidades. Por certo lembrou-se dos tiros de arma de fogo que tantas vezes escutou durante os combates e que poderiam até mesmo ter-lhe ceifado a vida.

Li certa vez, quando ainda era jovem, mas já me preocupava com esse tema, um interessante ensaio utópico sobre como dois países que estivessem em guerra deveriam acabar com suas desavenças. Cada batalha entre eles seria resolvida através de torneio intelectual sobre as mais diversas matérias. A nação vencedora teria direito de destruir determinada proporção de bens do país vencido, mas sem que houvesse nenhuma morte. E assim, de batalha em batalha, até que um dos contendores se rendesse ou fosse materialmente aniquilado, mas com toda a população viva.

Fica claro, como já mencionei, que se trata de imaginoso ensaio, impossível de ser posto em prática. O que ele coloca em relevo, ao meu ver, é que a vida humana vale mais que os bens físicos e por isso precisa ser preservada em quaisquer circunstâncias.

O pensamento de Erasmo vai além. Ele afirma que, com a evolução do espírito humano, que é imortal, deixarão de existir desavenças entre as nações e portanto nunca mais haverá guerras. “Os que hoje”, explica ele, “de algum modo contribuem para as guerras, pagarão por isso”.

Meu pensamento também se afina, nesse ponto, com o de Erasmo. E vocês, caro leitor e estimada leitora, também entendem essa questão como ele?

Viganó
darly.vigano@gmail.com